

## ESTUDOS

### Em discussão a Idade Média

Adelto Gonçalves

Estudos medievais nem sempre ganham as páginas dos jornais e revistas. Muito menos atraem as câmeras de televisão. Talvez porque a imagem que os medievalistas passem para o público é a de eruditos preocupados com idéias, tradições e costumes perdidos na poeira do tempo que pouco de prático podem oferecer ao homem moderno. A rigor, a maioria do público nem sabe de sua existência. Os próprios medievalistas contribuem para essa imagem, pois não divulgam seus estudos, preferindo deixar seus trabalhos circunscritos aos muros da academia como os monges medievais em seus mosteiros.

Todo esse preâmbulo se justifica porque a Associação Brasileira de Estudos Medievais, com o apoio da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, acaba de publicar os *Anais do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*, reunindo os trabalhos apresentados de 4 a 7 de julho de 2001 em Belo Horizonte. E isto precisa ser divulgado não só entre a comunidade acadêmica como entre todos aqueles que se interessam pelos vários ramos do conhecimento, como História, Letras, Filosofia, Teologia, Direito, Música, Artes Plásticas e Educação.

Com a presença de aproximadamente 500 participantes do Brasil, Portugal, Argentina, Estados Unidos e Espanha, o encontro de Minas Gerais, organizado pela professora Ângela Vaz Leão, do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas, esteve limitado a seis conferências, mas registrou 82 comunicações.

Numa das conferências, o professor Massaud Moisés, da Universidade de São Paulo, autor de *As Estéticas Literárias em Portugal*, três volumes (Lisboa, Caminho, 1997-2000-2002), apresentou um estudo em que procurou examinar os vestígios da cultura medieval, notadamente a que se refere ao estatuto da cavalaria andante, na ficção romântica do Brasil, um país que, como se sabe, não viveu a Idade Média. Encontrou na obra de José de Alencar, romancista maranhense do século XIX, vários indícios de medievalismo, especialmente em *Minas de prata*, cuja ação transcorre na primeira década do século XVII sob a presença oracular de Cervantes. Para Moisés, a cultura brasileira herdou muitos

valores da Idade Média, “uma certa Idade Média, cavalheiresca e cristã, inscrita nos quadros da estética romântica e particularmente de alguns prosadores europeus”

Em outra conferência, o professor Francisco Corti, da Universidade de Buenos Aires, fez uma análise das *Cantigas de Santa Maria*, atribuídas tradicionalmente a Alfonso X, o Sábio (1221/1284), rei de Castela e Leão, observando que constituem um caso único da produção de manuscritos medievais, devido à confluência da poesia, escrita em língua galaico-portuguesa, com pintura e música. Para o estudioso, as *Cantigas de Santa Maria*, com ilustrações em que a cada narrativa correspondem seis miniaturas, são um testemunho vivo de uma época em que as imagens aparecem como fonte primária da investigação histórica e ponto de partida de uma hermenêutica.

Entre as comunicações, uma digna de nota é a do professor Paulo Drumond Braga, da Universidade de Lisboa e da Escola Superior de Educação Almeida Garrett, que estuda a presença dos cães na Idade Média portuguesa. Segundo o autor, o cão sempre causou sentimentos dúbios ao homem português, de amor e ódio. Primeiro que tudo, estava o cão de caça: do alão ao sabujo, do galgo ao podengo. Depois, o cão que defendia a propriedade e o que ajudava a pastorear os gados. Finalmente, a massa anônima, comparável à arraia-miúda humana, contra a qual se legislava com frequência, lembrando-se os danos que poderiam causar. Chamar de cão a alguém era um insulto, embora tenha havido na História portuguesa um Diogo Cão de muita fama. Mas, por outro lado, como observa o autor, desde cedo o homem passou a associar o cão às idéias de fidelidade, lealdade e dedicação.

Em outra comunicação, Maria Isabel Morán Cabañas, da Universidade de Santiago de Compostela, ao estudar o simbolismo das cores na indumentária do amante e/ou da amada na lírica amorosa do *Cancioneiro geral*, observa que a linguagem conotativa do mundo das cores, herdada da Antiguidade e em grande medida ligada à liturgia da Igreja, é uma das mais universalmente conhecidas e das mais conscientemente utilizadas na heráldica, na alquimia, na arte e na literatura.

Concretamente, a professora analisa a funcionalidade de diferentes referências cromáticas aplicadas ao campo semântico da indumentária no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, levando em conta os contextos em que se inscrevem e observando o grau de sofisticação que a linguagem poética alcança na abordagem de certos temas ligados à declaração passional.

Américo Venâncio Lopes Machado Filho, da Universidade Federal da Bahia, em seu trabalho, discute os hábitos de pontuar na Idade Média em Portugal, afirmando que, ao contrário do que se propugnava, a pontuação nos manuscritos medievais portugueses, produzidos entre os séculos XIII e XV, parece exibir um comportamento bastante sistemático de uso, refletindo hábitos e motivações de ordem lógico-gramatical, além de parecer representar aspectos prosódicos, diretamente condicionados pela língua falada.

Combatendo a tese de estudiosos que consideram a pontuação medieval assistemática e indiligente, Machado Filho faz a análise de vários textos, como *Diálogos de São Gregório*, *Livro das Aves* e *Flos sanctorum*, para concluir que deveriam existir diretrizes básicas que orientassem os amanuenses no desenvolvimento de suas tarefas de escrita, “já que regularidades de emprego foram fartamente quantificadas a partir da leitura dos documentos desse período da língua”.

Conceição Solange Buttion Perin, da Universidade Estadual de Maringá, apresenta uma reflexão sobre as mudanças educacionais ocorridas com o cavaleiro medieval num momento de transição de épocas, o século XV, partindo da análise do romance *Tirant lo Blanc*, de Joanot Martorell, escrito por volta de 1460. Nesse período, como observa a autora, os homens buscavam uma nova visão de mundo, novos horizontes que pudessem satisfazer suas necessidades. No texto, a estudiosa busca justamente resgatar, através do cavaleiro Tirant, muitos dos sentimentos que estavam sendo esquecido por esse “novo” homem moderno. Para a professora, a obra de Martorell, criada numa época de transição, constitui um espelho das alterações sociais que ocorriam no século XV.

Já Roberto Pontes, da Universidade Federal do Ceará, faz uma análise de *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, comparando o texto com o relato *Conquista de Lisboa aos mouros*, dos cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas do episódio, e com a versão oficial da historiografia portuguesa. Em seu estudo, Pontes procura colocar a questão da identidade do povo português referente às suas origens, em contraste com o questionamento que a narrativa de José Saramago instaura, “quando o romancista se põe ao lado de um escritor como Eduardo Lourenço, que, na coletânea de ensaios *O labirinto da saudade*, também repensa o modo de ser português”.

*Medievais*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais, 2003, 767 págs. E-mail: [posletras@pucminas.br](mailto:posletras@pucminas.br)

---

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2003) e *Bocage – o perfil perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: [marilizadelto@uol.com.br](mailto:marilizadelto@uol.com.br)